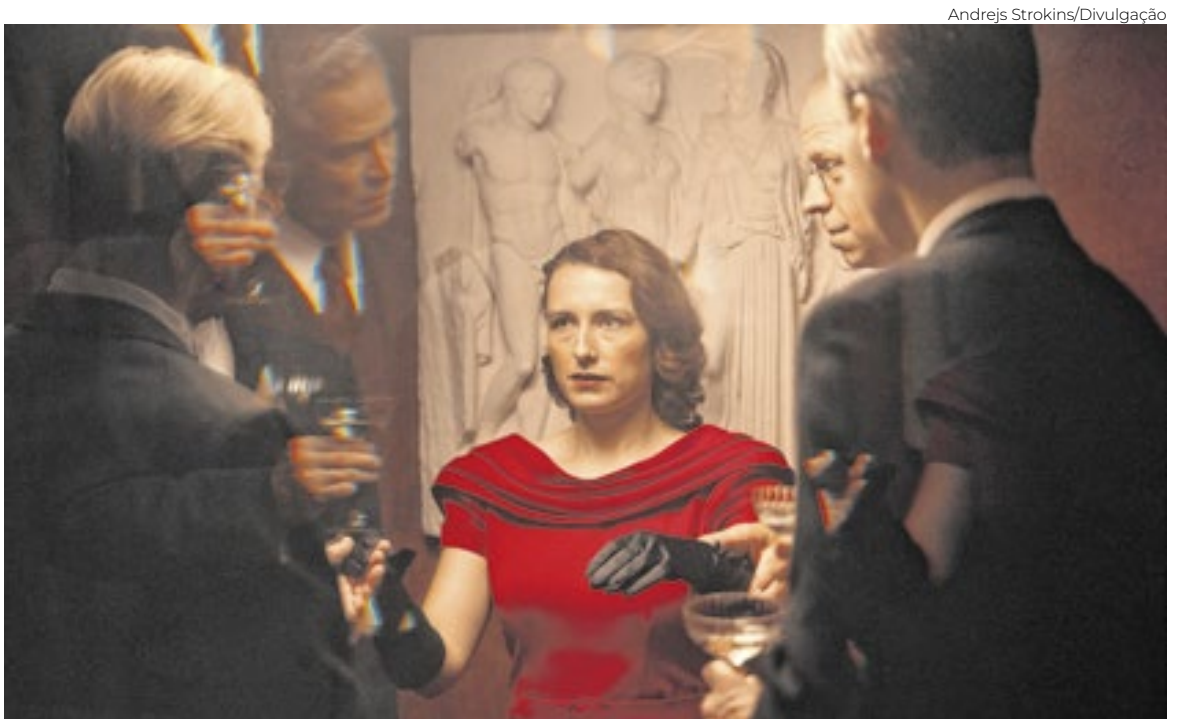
Uma leoa dourada chamada May el-Toukhy

50 MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA SÃO PAULO INTERNATIONAL FILM FESTIVAL

Cineasta dinamarquesa de origem egípcia superou intolerâncias ao vencer Veneza com 'Mulher Desconhecida', em cartaz na maratona paulista nesta quarta

Andrejs Strokins/Divulgação



Mathilde Arcel saiu de Veneza coroada com o troféu Copa Volpi de Melhor Atriz por 'Mulher Desconhecida', de May el-Toukhy (abaixo)

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Quem estiver às 21h30, no Cultura Artística, nesta quarta, terá a chance de conferir o Leão de Ouro de 2026 em tela grande, sob a delicada curadoria da Mostra de São Paulo: "Mulher Desconhecida" ("Kvinde Ukendt"). Dirigido pela dinamarquesa de origem egípcia May el-Toukhy, o drama (mundialmente chamado de "Woman Unknown") abocanhou a láurea mais cobiçada do 83° Festival de Veneza e também consagrou sua protagonista, Mathilde Arcel, com o troféu Copa Volpi de Melhor Atriz.

Coprodução da Dinamarca, Suécia e Letônia, o longa tem roteiro assinado pela própria realizadora em parceria com Maren Louise Käehne e reúne no elenco Carsten Bjørnlund, Thorbjørn Hedegaard e Marina Bouras. A equipe técnica inclui o diretor de fotografia Jasper J. Spanning, a designer de produção Sabine Hviid, o montador Rasmus Stensgaard Madsen e o compositor Mikkel Hess. É o terceiro longa de May, que chamou atenção internacional com "Rainha de Copas" (2019).

A trama se passa na Dinamarca, nos dias que sucedem a libertação da ocupação nazista, em maio de 1945. Marie (Arcel) é uma jovem babá e empregada doméstica prestes a se casar com Christian (Bjørnlund), o rico e mais velho viúvo para quem trabalha. A união parece oferecer a oportunidade de abandonar a condição de criada e conquistar uma posição social privilegiada, mas ela guarda um segredo: durante a guerra, manteve uma relação íntima com um soldado alemão. Com o fim da ocupação, a euforia da libertação convive com a perseguição às mulheres acusadas de se relacionar com os inimigos, muitas submetidas à humilhação pública e à violência. Ao abordar esse capítulo traumático da história europeia, May desloca o foco dos vencedores e dos grandes feitos militares para o corpo feminino, transformado em território de punição e disputa moral.

Soeren Roenholt/Kopi Lowres



"O que está em questão aqui é o corpo feminino", afirmou a cineasta ao receber o Leão. Sua vitória ganhou dimensão política em uma edição de Veneza marcada pela discussão sobre a baixa presença de mulheres na competição principal. Quando a seleção foi anunciada, "Mulher Desconhecida" era o único dos filmes concorrentes dirigido por uma mulher em carreira solo; posteriormente, o documentário "NAZA", codirigido por Rachel Szor e Yuval Abraham, também entrou na disputa.

A escassez de realizadoras reacendeu críticas à desigualdade de oportunidades no circuito internacional, enquanto May denunciou o culto ao "gênio masculino" e as barreiras estruturais enfrentadas pelas cineastas. A passagem do filme pelo festival teve ainda um incidente técnico: durante a estreia mundial, a realizadora e o produtor Mikael Rieks interromperam a sessão após perceberem que as legendas em inglês estavam dessincronizadas. A projeção foi retomada cerca de 15 minutos antes do ponto da interrupção, para que o público e o júri pudessem acompanhar a história adequadamente. O episódio não impediu a consagração: a sessão terminou com uma ovação de aproximadamente sete minutos e meio, antes de o longa arrebatar a terra das gôndolas, mesmo apostando em uma estrutura narrativa visual convencional. O desempenho de Arcel é seu trunfo, ao lado de sua forma crua de recriar abusos sexistas disfarçados de justiçamento. O Brasil pode coroar o êxito da produção, que é a representante oficial da Dinamarca na briga para disputar o Oscar.

Silvio Tendler **para sempre**

Legado do papa do documentarismo brasileiro ganha destaque na Mostra de SP com seu 'Pontos de Partida'

Um ano e um mês depois da morte de Silvio Tendler (1950-2025), seu legado volta ao cinema, agora na 50ª Mostra de São Paulo, nesta quarta e nesta quinta, agora pelas imagens que ele nos deixou como herança. "Pontos de Partida", último projeto do realizador consagrado como o "papa do documentário histórico brasileiro", integra a maratona paulista, com projeção esta noite, às 21h10, no CineSesc. No dia 29, a projeção será às 17h40, no Cinesystem Frei Caneca 5.

Funciona como um adeus particularmente coerente para um cineasta que transformou memória, cidadania e indignação política em matéria audiovisual. Tendler deixou o longa inconcluso ao morrer, em 5 de setembro de 2025. Coube ao produtor Cláudio Kahns finalizar esse experimento geopolítico, já apresentado no Festival do Rio, onde, há dois anos, ele apresentou "Brizola – Anotações para uma História" (2024). "É feia a miséria e o destrato a que submetem nossa população", lamentava o documentarista.

Caliban



'Pontos de Partida' celebra as ancestralidades que pavimentam a educação no país, à luz de Tendler

Com 101 minutos, "Pontos de Partida" recupera uma iniciativa nascida em 2004, quando a política cultural brasileira deu origem ao Cultura Viva e à rede de Pontos de Cultura, que alcançaria cerca de 3,5 mil núcleos espalhados pelo país. O olhar se concentra sobretudo nas periferias de São Paulo e na tentativa de descentralizar o acesso à produção cultural, levando protagonismo a manifestações distantes das instituições tradicionais. **(R. F.)**